



DO PROJETO À PRODUÇÃO GRÁFICA DA COLEÇÃO DIDÁTICA TAPETE VERDE (EDITORA GLOBO, DÉCADA DE 1970)

Chris de Azevedo Ramil - PPGE/FaE/UFPeI

Resumo: Este artigo apresenta dados relativos ao projeto gráfico e à produção gráfica da coleção de livros didáticos Tapete Verde, publicada na década de 1970 pela Editora Globo, no Rio Grande do Sul, com autoria de Nelly Cunha e Teresa Iara Palmini Fabretti. A temática relaciona-se ao campo de pesquisa da educação que analisa a produção, circulação e utilização de livros escolares. A investigação dessa coleção contribui para a história da educação gaúcha, através da análise de sua produção gráfica, envolvendo estudos sobre livro didático e design gráfico. O livro didático pode ser uma importante fonte de dados sobre o contexto em que foi produzido, podendo revelar aspectos da sociedade e do tempo, e através de sua visualidade e materialidade pode comunicar além do conteúdo escrito, sensibilizando o leitor para o fenômeno visual e o seu potencial informativo. Os dados indicam que a coleção pode agregar importantes considerações à história dos livros didáticos e também à história editorial gaúcha.

Palavras-chave: Tapete Verde; livro didático; Editora Globo; projeto gráfico; produção gráfica.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar dados de análise que envolvem aspectos do projeto gráfico à produção gráfica da coleção de livros didáticos Tapete Verde. A pesquisa insere-se no campo da história dos livros escolares e está vinculada a um grupo de pesquisa de uma universidade pública que tem atuado em investigações sobre a história da alfabetização, práticas sociais de leitura e de escrita e na análise da produção, circulação e utilização de livros escolares.

A coleção didática Tapete Verde foi editada na década de 1970, com autoria das professoras e autoras gaúchas Nelly Cunha e Teresa Iara Palmini Fabretti, pela Editora Globo, no Rio Grande Sul. A escolha pela análise desta coleção se deu em função de que se destacava em relação às demais coleções presentes no acervo de livros didáticos do grupo de pesquisa, quanto aos aspectos gráficos, na utilização de cores e com ilustrações peculiares, além de ter uma visualidade diferenciada, no conjunto da composição gráfica. O recorte temporal de investigação, definido pelos anos de edição e publicação desses exemplares também foram motivadores para esta seleção, pois estão inseridos em um período que

contemplava, entre outras coisas, trânsito nas evoluções gráficas e tecnológicas; discussão de conceitos, atividades e atribuições entre profissionais do setor gráfico; interferência dos fatores editoriais e econômicos nas atividades da Editora Globo; mercado editorial para publicações didáticas em processo de crescimento; modificações políticas, econômicas e pedagógicas do país.

Com a reflexão dos fatores supracitados surgiu então uma temática de pesquisa diferenciada, que contribui para a história da educação e dos livros didáticos do Rio Grande do Sul e também para a história editorial e gráfica gaúcha, no contexto da década de 1970, através da investigação da coleção didática Tapete Verde, que aqui é divulgada com a apresentação dos dados de análise já obtidos.

A pesquisa se sustenta no entrecruzamento de conceitos de vários referenciais teóricos: história do livro, livro didático, design gráfico, design editorial, design de informação, produção gráfica.

O artigo revela, então, aspectos editoriais e gráficos da coleção de livros didáticos Tapete Verde, pela visualidade e materialidade, por seu estabelecimento e sua contribuição no campo da edição, e pela identificação de dados conceituais e projetuais relacionados à sua produção gráfica e à sua constituição como objeto de suporte de informações para o aprendizado de crianças em fase escolar.

1. O LIVRO DIDÁTICO E A PESQUISA

O livro didático, independente de seu conteúdo e de sua função, pode ser uma importante fonte de dados sobre o contexto em que foi produzido, podendo revelar aspectos de uma sociedade e de um tempo através da análise do mercado em que circulou, da produção editorial e de seus objetivos pedagógicos.

Choppin (2004) indica que os livros didáticos, a partir dos anos 70, começaram a despertar interesse entre os pesquisadores da história da educação de diversos países, possibilitando conhecimento de processos educativos do passado. Os livros escolares são importantes por serem ferramentas pedagógicas e suporte de conhecimentos daquilo que deve ser ensinado, e isso contribui para a compreensão de aspectos da cultura escolar, do conhecimento da história do país, da cultura, dos valores e das idéias de um determinado período.

Os livros didáticos têm um público-alvo definido, são lidos e usados por alunos e professores das escolas, e partindo desses pressupostos, Munakata (1999, p.579) orienta que:

Ler/usar livro didático implica assim pelo menos dois leitores permanentes: aluno e professor. É claro que outros livros também supõem uma diversidade muito grande de leitores, mas o que faz essa dupla de leitores peculiar no livro didático é que ela é, digamos, estrutural: se um aparecer sem o outro pode-se até mesmo dizer que o livro didático deixa de sê-lo. Esses leitores, além disso, mantêm entre si certa relação de poder: mesmo que o leitor final seja o aluno, não cabe a este escolher o livro.

Para Lajolo e Zilberman (1998), o livro didático, esse “primo-pobre”, mas de ascendência nobre, é poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação. Assim, em relação à investigação de livros didáticos, é pertinente o que dizem Maciel e Frade (2003, p.29):

A análise do livro didático ou livros utilizados com destinação escolar permite uma série de abordagens, que podem ser relacionadas aos processos de sua produção, à análise do suporte impresso como fonte e como objeto e, finalmente, à recuperação das práticas advindas de seu uso. Esses elementos também indicam que, metodologicamente, o estudo específico desse material deve ser relacionado a outros documentos e práticas, sob pena de se realizarem análises superficiais ou ingênuas. Assim é preciso também verificar programas de ensino, instruções, debates publicados, cadernos, outros materiais destinados ao público no período, mesmo aqueles de circulação externa à escola, para compreender outras motivações políticas, econômicas, pedagógicas, religiosas, entre outras, que determinaram a sua produção.

Batista (1999) caracteriza o livro didático como um livro efêmero, que se desatualiza com muita velocidade e sua utilização está ligada aos intervalos de tempo escolar. Estas publicações não são fáceis de se encontrar, por serem consideradas de pouco valor acadêmico, e costumam ser desprezadas após sua utilização, pois raramente são relidas ou reaproveitadas. Entre os livros didáticos que ainda existem, o estado de preservação nem sempre é adequado e por vezes faltam informações que limitam as pesquisas.

[...] depara-se, de modo geral, com a ausência de acervos específicos de manuais escolares, o que gera, para os pesquisadores, um sobre-esforço na localização dos livros em acervos não especializados, onde não estão, via de regra, catalogados, além de gerar várias limitações à pesquisa, sobretudo no diz respeito ao restabelecimento do circuito da produção dos livros: mesmo nos exemplares localizados, faltam referências quanto ao número e à data das edições, às tiragens, além daqueles que estão parcialmente danificados, sem capa e sem folha de rosto (BATISTA; GALVÃO, 2009, p.24)

Para Maciel e Frade (2002), "em seu contexto global, o manual é depositário de um conteúdo, mas é indissociável do seu emprego pelos usuários. Nele há ordenamentos políticos, pedagógicos, mas também técnicos, estéticos, comerciais". Choppin (2002, p.13) também considera os aspectos que influenciam no livro e que podem ser fonte de pesquisa:

Os manuais representam para os historiadores uma fonte privilegiada, seja qual for o interesse por questões relativas à educação, à cultura ou às mentalidades, à linguagem, às ciências... ou ainda à economia do livro, às técnicas de impressão ou à semiologia da imagem. O manual é, realmente, um objeto complexo dotado de múltiplas funções, a maioria, aliás, totalmente desapercibidas aos olhos dos

contemporâneos.

Choppin (2002), defende que o historiador pode utilizar os manuais para estudo serial. Além da aparição, transformações de noções científicas, métodos pedagógicos e representações de comportamento sociais, pode investigar as evoluções materiais (papel, formato, ilustração, paginação, tipografia, etc.) que se apresentam nos livros didáticos destinados às classes.

Os livros didáticos costumam ter altas tiragens, constante renovação pela industrialização e evolução de tecnologias gráficas, distribuição em massa e presença constante no ambiente escolar, são utilizados como recurso didático pelos professores e como suporte físico de conteúdos diversos para formação e aprendizagem da criança, e apesar disso, a visualidade e a materialidade do livro didático, bem como seus reflexos na formação cultural, no gosto e na formação estética do aluno e do professor, são temas menos investigados pelos pesquisadores, tanto da área da educação como da área do design.

Mesmo que este tipo de publicação esteja entre os objetos menos estudados nos campos do design gráfico, de design editorial e do design da informação, percebe-se um interesse crescente por este tipo de pesquisa nos últimos anos, devido ao reconhecimento de suas contribuições para a história da educação e para a memória gráfica, e também pela identificação de sua influência tanto no contexto escolar, como no mercado editorial, tecnológico e gráfico.

O livro didático passou a ser foco de atenção pela sua visualidade a partir da década de 1970. Ao mesmo tempo em que o ensino de massas expandia no país, se via o surgimento de editoras de obras destinadas a esse mercado, e também acontecia a renovação do parque gráfico nacional. A produção inicial de várias Editoras, antes dos anos 70, não contava com atenção específica às questões de aspectos visuais e gráficos, pois os editores e profissionais envolvidos não tinham formação específica da área de comunicação e design, não tendo informação e nem experiência para tal (MORAES, 2010).

Com os avanços da semiótica, o impulso da história das mentalidades e o interesse por questões de vulgarização das ciências, que utilizaria esquemas e gráficos, segundo Choppin (2004), "o livro didático deixou de ser considerado como um texto subsidiariamente "enfeitado" de ilustrações", e a iconografia didática e a articulação semântica que une texto e a imagem passaram a ser motivo de atenção.

Com o decorrer dos anos, o mercado gráfico e editorial passou a incorporar profissionais formados e capacitados na produção gráfica de livros, entre designers, artistas

gráficos e ilustradores, que com seu trabalho, buscavam renovar a linguagem visual do material didático, com novas propostas conceituais, recursos e técnicas gráficas e projetuais. Reconheceu-se então, aos poucos, a importância da visualidade do livro didático, tanto para a comunicação do conteúdo como para o sucesso comercial da obra.

Quanto às características formais nos livros didáticos, Choppin (2004, p.559) também identifica a aplicação dessas configurações e alerta sobre a negligência com tais questões:

A organização interna dos livros e sua divisão em partes, capítulos, parágrafos, as diferenciações tipográficas (fonte, corpo de texto, grifos, tipo de papel, bordas, cores, etc.) e suas variações, a distribuição e a disposição espacial dos diversos elementos textuais ou icônicos no interior de uma página (ou de uma página dupla) ou de um livro só foram objeto, segunda uma perspectiva histórica, de bem poucos estudos, apesar dessas configurações serem bastante específicas do livro didático. Com efeito, a tipografia e a paginação fazem parte do discurso didático de um livro usado em sala de aula tanto quanto o texto ou as ilustrações.

A linguagem visual do livro pode interferir no processo de formação do conhecimento pela criança e em sua dinâmica de aprendizagem, ao conferir significados às imagens e ao dispor o conteúdo através de determinada organização dos elementos visuais, que podem facilitar ou não a sua compreensão pelo leitor.

O design trabalha com a linguagem visual e com tantos outros elementos que contribuem para a criação de um projeto gráfico, e por isso é um campo de atuação interdisciplinar. Aliado à educação, pode estimular nos alunos suas potencialidades, a iniciativa, o pensamento divergente, o pensamento criativo e crítico, o senso estético, além de desenvolver sentidos, sensibilidade, percepção. Quanto à qualidade gráfica do material utilizado em sala de aula, o design pode atingir as crianças de forma lúdica e provocar a curiosidade deste público-alvo, fazendo uma associação de elementos que abordem seus interesses, ao mesmo tempo em que explore visualmente os saberes a serem descobertos. É interessante avaliar tais considerações aplicadas a um livro didático de alfabetização, e investigar como o design pode auxiliar como recurso pedagógico na aquisição dos conhecimentos propostos, bem como de outros a serem estimulados por suas características gráficas e físicas.

Justifica-se, então, a importância da análise dos aspectos gráficos e editoriais da coleção didática Tapete Verde, que permite a identificação de determinadas características, em diversos âmbitos, do final da década de 1970 e das atividades editoriais da Editora Globo, além de servir de estudo de caso para a compreensão de como se dá a função de transmitir e facilitar a mensagem proposta pelo conteúdo didático através de um projeto gráfico como o

que apresentam estes livros; investigando-se de que maneira se explora a visualidade das formas, ilustrações, textos e tipografias; avaliando-se a identidade visual entre os vários volumes; e identificando-se dados referentes ao processo de produção gráfica e de sua materialidade, que também interferem na relação entre o leitor e o livro.

2. O *CORPUS* DE INVESTIGAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação teve início a partir dos exemplares da coleção de livros didáticos Tapete Verde localizados no acervo do grupo de pesquisa. Os volumes da coleção constituem o *corpus* de investigação e estão sendo utilizados nas análises todos os exemplares que pertencem ao acervo, e também aqueles que sejam provenientes de acervos pessoais e que são cedidos temporariamente para o desenvolvimento desta pesquisa.

O grupo de pesquisa possui atualmente 224 livros didáticos em seu acervo, e esses estão catalogados em 24 coleções, e uma delas é a Tapete Verde, que contém volumes de 1ª a 4ª série do 1º Grau, compostos de Livro Integrado, Caderno de Atividades e Manual do Professor.

No acervo atualmente há 12 exemplares da coleção didática Tapete Verde. É importante ressaltar que o acervo ainda não contém a coleção completa, devido à ausência de exemplares de Caderno de Atividades da 3ª série, de Livro Integrado e Caderno de Atividades da 4ª série e de Manuais de Professor de todas as séries.

O *corpus* desta pesquisa atualmente se constitui de 14 volumes da coleção Tapete Verde, sendo que 12 são os referidos do acervo do grupo de pesquisa, e os outros 2 foram gentilmente cedidos por Teresa Iara Palmini Fabretti, uma das professoras e autoras dessa coleção e são eles: Livro Integrado e Caderno de Atividades da 4ª série. Com estes volumes, é possível que a análise dos Livros Integrados agregue exemplares de todas as séries - de 1ª a 4ª série. Quanto aos Cadernos de Atividades, ainda não foi encontrado nenhum exemplar referente à 3ª série, estando incompleta a seqüência de volumes desta categoria de livros. O *corpus* também não contém exemplares de Manuais do Professor, que se revelaram os mais difíceis de serem encontrados.

O *corpus* de pesquisa apresenta atualmente os seguintes volumes e exemplares: a) 11 Livros Integrados - 1ª série (1976 - 1 exemplar), 2ª série (1976 - 1 exemplar; 1978 - 1 exemplar; 1979 - 3 exemplares; 1982 - 1 exemplar), 3ª série (1978 - 1 exemplar; 1979 - 2 exemplares) e 4ª série (1977 - 1 exemplar); b) 3 Cadernos de Atividades --1ª série (1976 - 1 exemplar), 2ª série (1976 - 1 exemplar) e 4ª série (1977 - 1 exemplar).

Para um estudo mais aprofundado da produção gráfica da coleção é importante que se encontre o maior número possível de exemplares, mesmo que repetidos, buscando-se também a variedade de edições de uma mesma publicação, para que se possa comparar e analisar as características gráficas e a produção gráfica entre os diferentes volumes e edições, que podem apresentar variações.

A busca de livros da coleção Tapete Verde vem sendo feita em instituições escolares públicas e privadas, bibliotecas, *sebos*, e também pela internet, através de campanha divulgada via *e-mail* e em *sites* de redes sociais, e por pesquisa em vários *sebos* e acervos virtuais de instituições públicas e privadas, bem como de bibliotecas de outras cidades.

O fato de que a coleção Tapete Verde tenha sido publicada há quase quarenta anos também implica na sua difícil manutenção, pois deve-se levar em consideração que os livros escolares são também mercadorias perecíveis, segundo Choppin (2002), pois perdem todo valor de mercado quando os métodos e programas se modificam, além de alterações necessárias em função de fatos que ocorrem com o decorrer dos anos.

Para esta pesquisa são essenciais os estudos no campo da educação (história do livro e do livro didático) e no de design (design gráfico, design editorial, design de informação e produção gráfica), que servem de base teórica, conceitual e reflexiva para o cruzamento dos dados aplicados.

A revisão bibliográfica, no que se refere à constituição, ordenação, produção e utilização de livros, vem sendo realizada a partir dos pressupostos teóricos de autores como Chartier (1990, 2009) e Darnton (2010), além de Hallewell (2005) que investiga a história do livro. Nas leituras sobre livro didático são estudadas as teorias de autores como: Choppin (2002, 2004), Batista (1999), Munakata (1997, 1999), e Lajolo e Zilberman (1998) que apresentam os conceitos, características e a história do livro didático, além de Frade e Maciel (2002), e Peres (2003), com suas produções na área.

Quanto aos autores referenciados pelas teorias no campo de design, são indispensáveis os conceitos destacados nos estudos de autores como: os que contribuem com a compreensão da história do design gráfico no mundo e no Brasil, como Cardoso (2004); Lupton e Phillips (2008) com as teorias dos fundamentos da linguagem gráfica e da tipografia; Pedrosa (2009) e Guimarães (2004) com considerações sobre a cor; Hendel (2006) com análises sobre o design do livro; Tschichold (2007) com estudos sobre estética e tipografia no livro; Samara (2007) com análises sobre a forma, estrutura e grid; Powers (2008) e Linden (2011) com discussões sobre o livro ilustrado; Lins (2002) com suas pesquisas sobre o projeto gráfico de livros infantis; Villas-Boas (2008), Baer (2005) e demais autores com

suas referências de produção gráfica; Coelho e Farbiarz (2008, 2010) que contribuem com estudos sobre o design do livro e design na leitura, além de outros pesquisadores que atuam nestes campos; autores que pesquisam comunicação, linguagem e design da informação; e também Fontoura (2002) que estuda a educação de crianças através do design.

Além das etapas que envolvem o levantamento bibliográfico e a análise e coleta de dados do *corpus*, também devem ser considerados outros procedimentos metodológicos adotados, como entrevistas com profissionais envolvidos na produção da coleção Tapete Verde e a análise documental de materiais específicos e relacionados ao tema (ex.: Livro de Registros da Editora Globo e "boneco" original de algumas páginas do Livro Integrado da 2ª série), que podem contribuir com informações importantes.

3. A COLEÇÃO DIDÁTICA TAPETE VERDE

A coleção Tapete Verde é de co-autoria de Nelly Cunha e Teresa Iara Palmiini Fabretti, ambas de Porto Alegre/RS, e professoras primárias seguidoras das tendências pedagógicas da Escola Nova, que se expandiu no mundo no final do século XIX e início do século XX e que preconizava o "fim da educação tradicional".

Nelly Cunha, educadora nascida em 1920 e falecida em 1990, é reconhecida por sua trajetória e atuação profissional no RS (magistério, CPOE/RS - Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do RS, SEC/RS - Secretaria de Educação e Cultura do RS, COLTED - Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático, MEC - Ministério da Educação e Cultura, entre outros) e por ter publicado 7 coleções didáticas (3 na Editora Globo e 4 na Editora do Brasil) em co-autoria com outras professoras (PERES; FACIN, 2008).

Teresa Iara Palmiini Fabretti nasceu em 1934 e também seguiu carreira de educadora, dedicando-se ao magistério por muitos anos. Também exerceu funções de coordenação pedagógica em escolas da rede estadual do RS, publicou 3 coleções didáticas (pela Editora Globo) em co-autoria com outras professoras e hoje encontra-se aposentada, em POA/RS.

A primeira edição da coleção didática Tapete Verde foi lançada em 1976 pela Editora Globo, e os livros são integrados, ou seja, apresentam duas ou mais disciplinas do ensino primário conjuntamente no mesmo volume, com a presença dos conteúdos de Linguagem, Matemática, Ciências e Estudos Sociais. São livros para utilização de 1ª a 4ª série do 1º grau, em volumes distintos, contendo, separadamente, além dos Livros Integrados, os Cadernos de Atividades e os Manuais do Professor.

A Editora Globo, cuja origem é a Livraria do Globo (fundada em 1883 em Porto

Alegre/RS), é uma das mais importantes na história do mercado editorial do Rio Grande do Sul por sua longa trajetória, sendo também reconhecida por sua dedicação à produção de livros didáticos, iniciada na década de 1930 e que contribuiu para sua expansão no meio.

Na década de 1970, a Editora Globo enfrentou uma crise financeira, e em 1975, o diretor José Otávio Bertaso propõe um novo projeto de coleção de livros didáticos em co-autoria para Nelly Cunha e Teresa Iara Palmira Fabretti. A idéia surge como reflexo dos tempos de contenção de despesas, na busca de novas soluções metodológicas e de alternativas para a produção editorial com apelo pedagógico e comercial, buscando baratear custos, através de utilização de papel mais barato e com o uso de apenas 2 cores (FACIN, 2008).

Esta coletânea apresenta registrado em seu expediente alguns profissionais do setor de arte da editora que participaram de sua produção, com atribuições específicas dentro do projeto gráfico, e são eles: Leonardo Menna Barreto Gomes - criador da capa e das ilustrações dos volumes de 1ª a 3ª série e Renato Canini - criador da capa e das ilustrações dos volumes da 4ª série, e Sônia M. de Mendonça Heinz - responsável pelo planejamento gráfico de todos os livros. Além destes profissionais, é importante citar também o nome da secretária editorial no período, Maria da Gloria Bordini, que participava diretamente do processo de produção de vários livros didáticos, assim como o da coleção Tapete Verde, assessorando tanto os profissionais do setor de arte como o diretor editorial José Otávio Bertaso. Entre os profissionais, com exceção de Canini que atualmente vive em Pelotas, os demais residem em Porto Alegre.

No setor de arte da editora, apesar de cada um destes profissionais (qualificados, com formação e experiência) terem suas atividades específicas no projeto gráfico dos livros didáticos, eles costumavam trabalhar de forma integrada, para ajustar detalhes e adaptar o que fosse necessário da parte de cada um, buscando melhores soluções (GOMES, Entrevista, 2011). Gomes (Entrevista, 2011) e Heinz (Entrevista, 2011) ressaltam que praticamente todo o trabalho de projeto gráfico do livro Tapete Verde foi elaborado por processos manuais, demorados e detalhados, seguindo etapas e normas para a diagramação deste tipo de publicação, e destacam também a diferença de tempo necessário para o desenvolvimento de um projeto editorial entre aqueles anos e os dias de hoje, em função dos recursos e das ferramentas de trabalho disponíveis. Naquela época os computadores recém começavam a ser usados nos ambientes da Editora Globo, e mesmo limitados e com poucos recursos comparados aos dos dias atuais, já eram reflexo de avanços técnicos no setor editorial (HEINZ, Entrevista, 2011).

A edição e a fotocomposição dos livros da coleção foram realizadas nas oficinas

gráficas da Livraria do Globo em Porto Alegre. Já a impressão foi feita em gráficas distintas, como a São Paulo Editora S. A. (de São Paulo/SP) nas primeiras edições, e a Gráfica Editora Primor S. A. (do Rio de Janeiro/RJ) na edição mais recente (de 1982) disponível no *corpus* de pesquisa. O fato de serem envolvidas outras gráficas, inclusive de fora do RS, no processo de produção gráfica, indicam que houve terceirização dos serviços de impressão offset para os livros da coleção Tapete Verde.

Segundo Teresa Fabretti (Entrevista, 2011), o nome da coleção se referia especialmente a um dos textos publicados na coleção, com título de "O Tapete Verde", encontrado no Livro Integrado de 3ª Série. Com relação ao uso de apenas duas cores e ao papel jornal utilizado para impressão das páginas são em função da restrição de gastos imposta pela Editora Globo, devido à crise econômica pela qual a editora passava naquele período. As cores foram determinadas pelas autoras da coleção, sendo utilizados o verde e o preto sob fundo branco (cor do papel), e essa escolha se deu em função do interesse na época de se trabalhar nas escolas com aspectos da ecologia, remetendo-se aos campos e matas, além de relacionar-se diretamente com o nome da coleção definido por elas.

Todos os volumes da coleção didática Tapete Verde contém apenas 2 cores de impressão nas páginas: o preto e o verde que apresentam algumas variações de tonalidades na impressão, dependendo das edições e apresentam dimensões de 17 x 25 cm (que podem variar um pouco em função do acabamento e refilado, além da intervenção do tempo no suporte), com encadernação em lombada quadrada, capa em papel sulfite, com gramatura superior à das páginas do miolo, impressas em papel jornal, com gramatura de 75g/m², em quase todos os exemplares.

As capas e contracapas são as únicas que utilizam impressão com 3 cores: pela sobreposição de ciano e amarelo, que resulta em um verde mais consistente, uniforme e chapado, e o preto, utilizado basicamente nos contornos e em algumas tipografias (nos nomes das autoras, na classificação de tipo de livro e em dados editoriais).

Alguns exemplares contém páginas com falhas de registros de impressão (que geram desvio de cores, que não se justapõem, se afastam ou se sobrepõem de forma inadequada, dependendo de cada caso), outros apresentam falhas de impressão de áreas chapadas que ficam sem uniformidade, com diferenças de intensidade das cores, e há um caso de um exemplar que apresenta, dentro do miolo do livro, algumas páginas vazias, sem o conteúdo impresso. É importante considerar também que as propriedades físicas e químicas do papel jornal interferem na qualidade final de impressão das páginas.

Quanto ao número de páginas, os livros podem variar entre 90 e 230 páginas,

dependendo do volume publicado, o que interfere também diretamente na medida da lombada, que varia entre 0,5 e 1,5cm. Em alguns exemplares do mesmo volume, mas de diferentes edições, mesmo mantendo-se o mesmo número de páginas, a lombada sofre variações de medida em função da utilização de papel com gramatura diferente, que modifica a estrutura geral e interfere na qualidade gráfica e de impressão, assim como no acabamento e no peso dos livros.

Nas figuras 01 e 02 podem ser vistas as capas e contra-capas dos volumes dos Livros Integrados. Nota-se a presença de uma única ilustração (com representação de cenas explorando recursos de movimento e profundidade) que integra, pela continuidade, as capas às contracapas.

Há também a aplicação de uma tipografia estilizada identificada como a marca da coleção Tapete Verde, aplicada com as mesmas características gráficas em todas as capas dos exemplares e sempre disposta na mesma posição, no canto superior direito e preenchida com a cor verde. A tipografia foi criada por Leonardo Gomes especialmente para essa coleção, e se apresenta em caixa alta, irregular, com variação de espessuras nas estruturas das fontes, sem serifas e simulando recorte manual. As características das fontes tipográficas desta marca se remetem à influência sofrida pelas referências gráficas obtidas dos trabalhos de Ziraldo, artista cujo talento era reconhecido nacionalmente naquela época (GOMES, Entrevista, 2011).

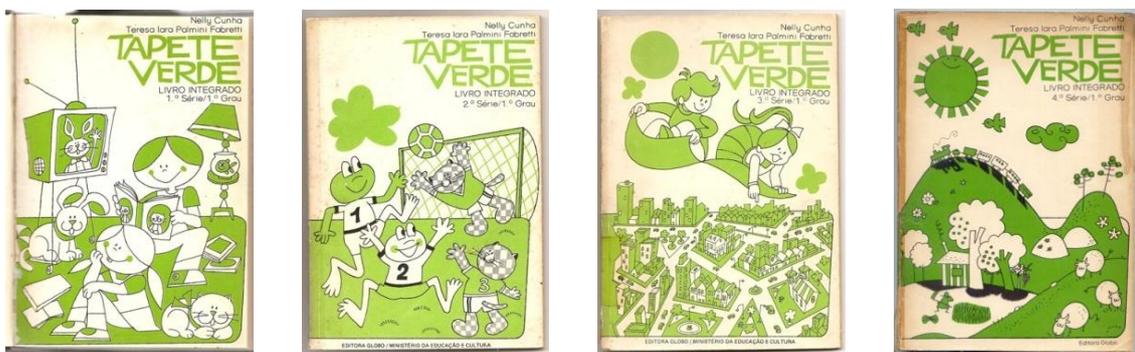


Figura 1 - Capas da coleção Tapete Verde - 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série (da esquerda para a direita)

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa e acervo de Teresa Fabretti

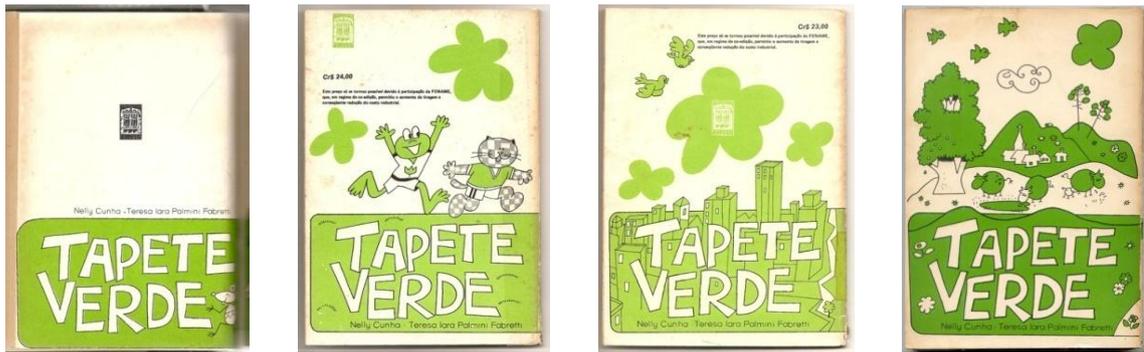


Figura 2 - Contracapas da coleção Tapete Verde - 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série (da esquerda para a direita)

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa e acervo de Teresa Fabretti

Nas contracapas também aparece o nome da coleção em contraste com o fundo, através do recurso de positivo-negativo, com aplicação de fontes que se assemelham muito às da marca, mas nesse caso, não há conservação de identidade visual entre as marcas dispostas na capa e na contra-capas, pois os traçados das fontes não coincidem entre si, ao sofrerem ligeiras variações de espessuras, angulações e alinhamentos, praticamente imperceptíveis em uma rápida observação.

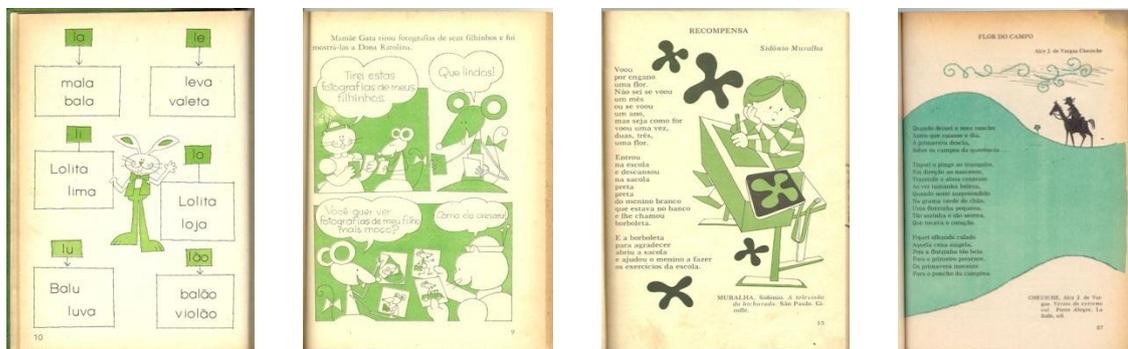


Figura 3 - Páginas da coleção Tapete Verde - 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série (da esquerda para a direita)

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa e acervo de Teresa Fabretti

A figura 3, acima, contém páginas que exemplificam o uso das ilustrações e dos textos. Nota-se a modificação da tipografia, com o avanço das séries, de acordo com a capacidade de compreensão da criança, e toda a coleção contém ilustrações de personagens humanos e animais interagindo em cenas diversas. Percebe-se, porém, uma ruptura de identidade visual entre as ilustrações de todos os livros, pois as dos volumes da 4ª série foram feitas por outro ilustrador.

Há exploração da linguagem visual gráfica em toda a coleção, através da identificação nas páginas dos aspectos verbais, relacionados ao conteúdo textual; dos

pictóricos, que envolvem ilustrações, figuras, fotografias, ícones, tiras e histórias em quadrinhos; e ainda dos esquemáticos, que correspondem aos quadros, diagramas, tabelas, mapas e diferentes tipos de linhas (pontilhadas, tracejadas ou inteiras).

As ilustrações e hq's apresentam seus conceitos aliados aos temas trabalhados pelos textos e exercícios, de forma eficiente e inovadora no que se refere ao grafismo e recursos visuais encontrados neste tipo de publicação, no contexto daquela época, que até então utilizava muitos clichês, aplicados repetidamente nas páginas, e continham ilustrações com estética parecida entre as distintas coleções, apesar de contarem com o trabalho de ilustradores diferentes.

Na coleção Tapete Verde, as ilustrações, com suas características gráficas peculiares, apresentam apelo visual, atraindo o olhar do leitor. Com apenas duas cores, encontra-se muito o recurso de áreas vazadas e cheias, com uso de figura/fundo através de posições negativas e positivas da mesma cor e de contrastes entre si, utilizando-se também, em alguns casos, a cor cinza, obtida pela aplicação de retícula do preto, e padronagens.

Observa-se que a linguagem visual gráfica do projeto gráfico e os aspectos materiais e de acabamento da produção gráfica identificados nos livros da coleção interferem no conteúdo das páginas através da organização dos elementos visuais assim como na apresentação e na utilização destes objetos como suporte físico de aprendizagem.

4. CONCLUSÃO

Com os dados apresentados pode-se reconhecer a importância da realização de pesquisas que unam e cruzem referências conceituais dos campos da educação e do design, em busca de contribuições para ambas as áreas, independente do objeto, período e lugar a que se refiram.

O livro didático, como recurso pedagógico e didático, deixa de ser apenas um suporte físico de conteúdos ao possibilitar a comunicação para além do conteúdo escrito através de suas conformações visuais e materiais, sensibilizando o aluno para o fenômeno visual e o seu potencial informativo, além de estimular outras capacidades específicas.

É possível afirmar que a coleção Tapete Verde se destaca por comprovar que, mesmo com as limitações de cores e papel impostas pela Editora Globo no final da década de 1970, conseguiu inovar e apresentar soluções diferenciadas no que se refere à exploração de recursos gráficos, comparando-se aos encontrados nos livros didáticos publicados anteriormente, comprovando-se que não se deve avaliar a qualidade visual de um livro

didático apenas pela quantidade de cores ou pelo tipo de papel que utiliza.

Há vários fatores que devem ser observados e que podem interferir positiva ou negativamente na estrutura visual e material do livro didático, independente do seu conteúdo e do movimento pedagógico a que pertence. Do projeto gráfico à produção gráfica de uma coleção didática, as características estabelecidas nestas etapas podem ser responsáveis por definir orientações, interferir na veiculação de conteúdo e provocar comportamentos diferenciados no leitor.

Mesmo completando 36 anos de sua primeira edição, a coleção reflete o trabalho de qualidade do setor de arte da Editora Globo, com a participação de profissionais capacitados e com funções específicas e distintas, mas que trabalhavam em conjunto, buscando as melhores soluções possíveis para o projeto gráfico da coleção, sem desconsiderar as etapas posteriores do processo de produção gráfica, envolvendo montagem, fotocomposição, impressão e acabamento dos livros.

A coleção cumpre a sua função de transmitir e facilitar a mensagem proposta pelo conteúdo através de um projeto gráfico estruturado, com ilustrações aliadas à diagramação do conteúdo nas páginas. Percebe-se que as imagens e os textos são igualmente responsáveis pela narrativa e se complementam ao comporem a estrutura das páginas, explorando a comunicação visual com hierarquia de informações, movimento, escalas, profundidade e equilíbrio através do planejamento, projeto e concepção gráfica do conteúdo. As cores de tinta, tipo de impressão, contrastes, cor e tipo de papel, e os efeitos plásticos e perceptivos, também influem na visualidade das páginas, contribuindo para a formação da superfície impressa dos livros didáticos.

Enfim, a Tapete Verde agrega conhecimento à história dos livros didáticos e à história editorial gaúcha, sendo referência para observação de características que fazem diferença nestas publicações, tanto pelos aspectos gráficos como nos materiais, considerando-se todos os fatores que interferiram na elaboração de conteúdo, na concepção, no projeto e na produção gráfica. Pelos detalhes de composição técnica e estética do projeto gráfico e editorial, identifica-se a presença do design neste material, e deve-se dar atenção a todos estes aspectos, pois eles podem influenciar na maneira como a criança em fase escolar vê, utiliza e reage ao livro didático, interferindo assim no seu aprendizado e na sua formação.

REFERÊNCIAS

BAER, Lorenzo. **Produção Gráfica**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas-SP: Mercado de Letras - ALB; São Paulo: FAPESP, 1999.
- CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. In: **História da Educação** (ASPHE - Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação). FaE/UFPEL. Pelotas: ASPHE, n.11, abril 2002. p.5-24.
- _____. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.
- COELHO, Luiz Antonio L.; FARBIARZ, Alexandre (orgs.). **Design: olhares sobre o livro**. Teresópolis: Editora Novas Idéias, 2010.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FABRETTI, Teresa Iara Palmira. **Entrevista a Chris Ramil**. Porto Alegre/RS, 17/08/2011.
- FACIN, Helenara P. 2008. **Histórias e memórias da professora e autora de livros didáticos Nelly Cunha (1920-1999)**. Pelotas, RS. Dissertação de mestrado. PPGE/FaE/UFPEL, 149 p.
- FARBIARZ, Jackeline Lima; FARBIARZ, Alexandre; COELHO, Luiz Antonio L. **Os lugares do design na leitura**. Teresópolis: Editora Novas Idéias, 2008.
- FONTOURA, Antonio M. **EdaDe: a educação de crianças e jovens através do design**. 2002. Tese de Doutorado – UFSC. Florianópolis, 2002.
- GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O estudo dos manuais escolares e a pesquisa em história. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.
- GOMES, Leonardo Menna Barreto. **Entrevista a Chris Ramil**. Porto Alegre/RS, 16/08/2011.
- GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- HEINZ, Sonia M. de Mendonça. **Entrevista a Chris Ramil**. Porto Alegre/RS, 17/08/2011.

- HENDEL, Richard. **O design do livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.
- LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- LINS, Guto. **Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade**. São Paulo: Rosari, 2002.
- LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MACIEL, Francisca Isabel Pereira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. O "Estado Novo" nas cartilhas de alfabetização. In: **Anais do II CBHE - Congresso Brasileiro de História da Educação**, Natal, nov. 2002.
- MORAES, Didier Dominique Cerqueira Dias de. **Visualidade do livro didático no Brasil: o design de capas e sua renovação nas décadas de 1970 e 1980**. 2010. 182p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/USP, São Paulo.
- MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 1999.
- _____. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. 218p. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica - PUC - SP, São Paulo.
- PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.
- PERES, Eliane. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930-1950). In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (orgs.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2003.
- _____. Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura produzidos no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970). In: **Educação Unisinos**. São Leopoldo: vol.12, n.2, maio/agosto 2008.
- POWERS, Alan. **Era uma vez uma capa – historia ilustrada da literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- SAMARA, Timothy. **Grid: construção e desconstrução**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro - ensaios sobre tipografia e estética do livro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- VILLAS-BOAS, André. **Produção gráfica para designers**. Rio de Janeiro: 2AB, 2008.